

SABATINA/PAULA BELMONTE

“A pessoa no DF morre antes de chegar ao hospital”

Candidata do PSDB aponta que dará prioridade à saúde e ao meio ambiente. E fala sobre seu marido, suplente de senador de outra legenda: “A política na minha casa sou eu”

LUÍS TAJES

Por Isabel Dourado e Rudolfo Lago

A candidata do PSDB ao Governo do Distrito Federal, Paula Belmonte, presidiu, na Câmara Legislativa, a CPI do rio Melchior, que investigou a situação de grande poluição do rio e o plano de se construir uma usina termoeletrica no Distrito Federal. Ao final, com grande cobertura do Correio da Manhã, que acabou recebendo um prêmio pela atuação, conseguiu-se evitar a usina. Na sua sabatina, a candidata do PSDB afirma que dará prioridade à questão ambiental caso seja eleita. Ela também fala de saúde e educação. E rebate a influência de seu marido, Luís Felipe Belmonte, na sua vida política. “A política lá em casa é Paula Belmonte”, afirma ela.

Candidata, seu marido, Luís Felipe Belmonte, esteve envolvido na tentativa de criação de um partido, o Aliança pelo Brasil, para o ex-presidente Jair Bolsonaro. a senhora se declara uma política independente. Mas como é essa influência de seu marido nas suas posições políticas?

É importante colocar isso, principalmente como esposa e como mulher. Eu fico muito feliz do apoio que eu recebo do meu marido, de eu continuar com essa independência. A gente, com certeza, converge em muita coisa na criação dos nossos filhos. O que ele fez, ele estava lá nas convicções dele. Eu sou uma deputada independente e fiz muitos trabalhos que envolvem todos os parlamentares ali. Eu fui o centro, vamos dizer assim, que trouxe convergências. Eu acredito que hoje o Brasil está precisando sair desses polos e construir. O que construir? Construir uma escola de qualidade para as nossas pessoas, uma dignidade nos hospitais. O Brasil é rico. E eu tive a oportunidade de morar fora e a gente vê que países muito menos ricos que nós, com menos capacidade industrial, com menos capacidade agrícola, têm mais dignidade para as pessoas.

Mas aí a atuação política da senhora está dissociada



Paula Belmonte: “O que fizeram com o BRB foi um crime”

da atuação do seu marido?

Meu marido não é político. Ele foi por um determinado momento, mas ele não é político. E tanto é da minha independência e do respeito à minha independência que meu marido é primeiro suplente de um senador da República [Izalci Lucas, na época no PSDB, hoje no PL] que concorreu ao governo na eleição passada, e eu estava num outro projeto político, querendo trazer o [José Antonio] Reguffe [na época no Uniao Brasil, hoje no Solidariedade] como governador do nosso Distrito Federal. Ele respeitou plenamente. Então, na realidade, existe um respeito de uma mulher e de um homem, e eu acho isso muito saudável. Quem é política na minha casa é Paula Belmonte.

A senhora propõe a ampliação de escolas em tempo integral, mas a gente sabe que demanda muitos recursos. Como isso vai funcionar na prática?

Quando a gente fala de escola integral, estamos falando de um preparo das pessoas para chegarem qualificadas na sua vida, na sua juventude e na sua vida adulta. E como que a gente vai fazer isso? Hoje, o Distrito Federal tem R\$ 13 bilhões na Secretaria de Educação, e R\$ 600 milhões são gastos em transporte escolar. Aí a gente fala assim: “Nossa, que bom que nós temos

o transporte escolar”. Mas isso significa que a escola não está perto dos nossos estudantes. Se nós pegarmos esse dinheiro de R\$ 600 milhões e construirmos escolas, nós modificamos aquelas regiões e vamos fazer com que as empresas, que são as máfias do transporte escolar, acabem, e a gente leve a escola para casa. Nós vamos tirar Brasília do último lugar do Ideb e levar para o primeiro lugar.

Os documentos que estão se tornando públicos com relação à investigação do caso Master/BRB apontam uma possibilidade de um rombo acima daqueles alegados R\$ 12 bilhões. Como resolver essa questão? como solucionar essa crise?

Esse rombo, de R\$ 12 bilhões ou R\$ 17 bilhões, eu não sei se é verdade. Isso é a Polícia Federal que fala, mas pode chegar a R\$ 30 bilhões. Por isso, a gente pede para a atual governadora botar na mesa o balanço. Porque, se ela não colocar, é um estelionato eleitoral. Como que a gente vai para uma eleição se a gente não sabe o que aconteceu, qual é o déficit do Banco de Brasília? O que aconteceu no BRB não foi só má gestão. Foi um crime.

A senhora enxerga saída para o Banco de Brasília?

Eu não sei. Eu sei que eu vou lutar para que o Banco de Bra-

sília se torne o centro do Distrito Federal. Agora, eu não posso me comprometer com algo que a gente não sabe. A gente precisa dos números.

Estudos da Universidade de Brasília apontam diferenças de temperatura de até 3°C entre áreas mais arborizadas, como o Plano Piloto, e regiões com menor cobertura vegetal. Quais são as propostas na área ambiental e climática?

Eu fui presidente da CPI do Rio Melchior. Estavam querendo instalar uma termoeletrica que iria mudar a temperatura da água do Rio Melchior em 4°. Nós conseguimos evitar isso. Agora, esse governo colocou a Serrinha como uma das garantias do BRB. A Serrinha é onde nós temos as nossas nascentes. Nessa época do ano, nós temos em Brasília os ipês. São árvores, porém, que a gente só vê no Plano Piloto. Isso, sim, é uma discriminação. Por que as árvores, as nossas árvores, não estão nas regiões administrativas? Por que as nossas crianças não têm parques para que elas possam brincar?

O DF passou por uma rápida expansão urbana e hoje tem cerca de três milhões de habitantes, o que aumenta a pressão sobre o sistema de transporte e os deslocamentos diários.

Quais são as suas propostas para melhorar a mobilidade no DF?

No primeiro dia de governo, nós vamos criar um gabinete de combate à corrupção. E o gabinete de combate à corrupção vai fazer com que a gente tenha auditoria no que está sendo feito na Secretaria de Mobilidade. Hoje, nós temos cinco empresas que não têm livre concorrência e que fazem com que o metrô não tenha expansão. A expansão do metrô vai acontecer para a Asa Norte, vai acontecer para Santa Maria, vai acontecer até Águas Lindas, vai acontecer também o monotrilho até Planaltina. Aí perguntam: “Como que é que a gente vai fazer isso? Com que dinheiro?” Vamos trazer dinheiro, sim, do governo federal, porque nós não vamos ter problema com o presidente que será eleito. Nós vamos trazer, sim, dinheiro do BID [Banco Interamericano de Desenvolvimento]. Nós queremos estudar a possibilidade de o transporte de Brasília ser de graça para as pessoas, mas com responsabilidade, com ônibus chegando no horário, com ônibus tendo respeito às nossas mulheres, com ônibus tendo respeito aos moradores e com integração com as nossas estações de metrô.

Um outro ponto sempre muito questionado aqui no Distrito Federal é a questão da saúde. Como resolver o gargalo da saúde no DF?

O usuário está morrendo antes de chegar no hospital. Então, dentro do nosso plano de governo, a nossa responsabilidade é o fortalecimento da atenção primária. É os Agentes Comunitários de Saúde estarem lá na ponta junto com as pessoas. Não há hoje uma única Unidade Básica de Saúde com equipe completa. E temos que acabar com as várias máfias. A máfia do remédio, a máfia da prótese, a máfia do exame, que fica um monte de empresas de exame em volta e o exame não acontecendo dentro do hospital. As pessoas quebram um fêmur e ficam vinte dias esperando uma cirurgia. Quando acontece, o osso já calcificou errado. Não é possível. Isso não pode mais acontecer.